

**PROCESSOS EDUCATIVOS QUE ABREM GAIOLAS:
HISTÓRIA ORAL, TEATRO E NARRATIVAS ORAIS DE MULHERES
ESTUDANTES DA EJA¹**

SILVANÍ MARIA DA SILVA²

Resumo

A pesquisa em andamento tem como embasamento principal as narrativas de histórias de vida de nove mulheres moradoras do bairro periférico de São Miguel Paulista, localizado na zona leste da cidade de São Paulo. Suas memórias relacionadas às suas experiências pessoais com migração, com a negritude e com a EJA, se configuram como objetos de pesquisa desse trabalho. A pesquisa de campo contemplou dois movimentos distintos e complementares, ao mesmo tempo: os territórios de experimentação (encontros coletivos inspirados numa prática proposta pela performance teatral que pressupõe a transformação de um espaço cotidiano em um espaço propício para a produção da criatividade, de sensibilidades e de subjetividades) e alguns procedimentos metodológicos da história oral como, a criação de um projeto que contemplou entrevistas individuais de histórias de vida, transcrição, transcriação e devolução. A intenção, nos dois momentos da pesquisa, era propor espaços sensíveis para a fala e para a escuta, e que essa relação dialógica fosse intensificada no momento presente, apesar de recorrer às memórias mais antigas. As mulheres sujeitas desse trabalho, fizeram um movimento coletivo de recuperar e ampliar suas vozes. As histórias narradas por elas durante os encontros coletivos demonstraram aspectos semelhantes de suas vidas: memórias de infância; de trabalho; de migração; de matrimônios frustrados; de maternidades precoces; de relação com a própria negritude e de acesso à educação. Quando adentramos as entrevistas individuais, o solo das lembranças já estava mais fértil em cada uma delas, e já tínhamos conquistado um pouca mais de intimidade. Algumas lembranças surgidas nos encontros coletivos, voltaram de forma mais profunda e detalhada, assim como as emoções revividas por elas. Esse trabalho dialoga com estudos sobre gênero, racismo, negritude e pertencimento a partir das teóricas bell hooks, Sueli Carneiro, Grada Kilomba, Beatriz Nascimento, Lélia González e Vanda Machado.

Palavras-chave: Teatro; Narrativas orais; Gênero; EJA.

¹Trabalho apresentado no Simpósio Temático nº 07 – História oral e memória das artes, da cultura e da criatividade, durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo.

² Universidade de São Paulo. Mestranda em Ciências Sociais na Universidade de São Paulo. E-mail: silvani_moreno@usp.br

Introdução

Quando nossa experiência vivida da teorização está fundamentalmente ligada a processos de autorrecuperação, de libertação coletiva, não existe brecha entre a teoria e a prática. Com efeito, o que essa experiência mais evidencia é o elo entre as duas – um processo que, em última análise, é recíproco, onde uma capacita a outra. bell hooks, 2017 p. 85-86

No ano de 1969, minha mãe, assim como outras tantas mulheres, transferiu-se de margem. Migrou de uma cidade agreste chamada Timbaúba, uma periferia de Pernambuco, para o bairro de São Miguel Paulista, uma periferia da cidade de São Paulo. Trouxe consigo muitas histórias, fictícias e reais, que ainda afetam meu imaginário e minha forma de entender o mundo que me cerca. Histórias de seres encantados que viviam nas matas; histórias de mulheres de sua ancestralidade indígena que tinham sido, violentamente, caçadas a laço; de cangaceiros que capturavam mulheres, decidindo suas vidas; de noivados à distância com promessas de noivos que nunca voltaram. Trouxe também brincadeiras cantadas e construções de brinquedos que eram sempre feitos ao som de uma cantoria ou de uma história. Essa riqueza cultural foi transmitida oralmente, de geração em geração, desde a sua ancestralidade negra e indígena. Seu corpo brincante aprendeu a aprender a partir da ludicidade, no entanto, sofreu grandes transformações no seu processo de migração, na busca por se adaptar ao novo território.

Como muitas mulheres vindas de cidades periféricas do Nordeste, quando minha jovem mãe chegou a São Paulo, só circulava pelas margens da cidade – geografias a que os corpos negros são empurrados desde a dita “libertação dos escravizados”. O centro era ocupado de forma transitória, apenas para trabalhar, e com a condição de que, no final do dia, voltasse à margem.

O trabalho é um fator determinante no processo educacional das mulheres entrevistadas, tanto para afastá-las, quanto para reaproximá-las da escola. Quase sempre relacionados à ação de servir e/ ou à realização de atividades de produção em massa, seus corpos cansados estavam inseridos em trabalhos que constantemente as afastam da escola.

Ainda são despejados sobre os corpos das mulheres negras, o imaginário cultural originado pela escravização. São tratados como corpos que suportam qualquer peso, desprovidos de sensibilidades, objetificados. Em contraponto, as mulheres negras, cada vez mais, recusam-se a alimentar esse imaginário, e reivindicam o direito de expressar a própria subjetividade. Alimentam o desejo de evoluírem profissionalmente e intelectualmente, e por isso tentam atravessar os desafios de retornar à escola na vida adulta.

Em sua entrevista individual, Cecília (2021) relembra os primeiros postos de trabalhos que ocupou quando chegou à cidade de São Paulo, vinda da Bahia:

“Limpeza, a primeira empresa que trabalhei foi de limpeza. A segunda de ajudante de cozinha. Aí saí de uma de ajudante de cozinha e fui trabalhar de copeira no Banco Real, na época. Trabalhei de copeira quatro anos no Banco Real. Depois que eu saí do Banco Real, eu entrei na Níquel (...) Eu trabalhei nessa cinco anos. Depois que saí dessa, eu fui trabalhar em Guarulhos, no Supermercado Milos. Trabalhei de ajudante de cozinha. Lá eu aprendi a profissão de cozinheira. Me esforcei, sem saber ler...” (Cecília, informação verbal, 2021)

Durante toda a entrevista, Cecília enfatizou a importância do trabalho na vida dela. Desde a infância foi-lhe ensinado que somente o trabalho garantiria sua sobrevivência. Sua mãe dizia que a escola poderia esperar, mas a “roça” não. Ter conseguido se aposentar, depois de ter trabalhado pesado durante grande parte da sua vida, acabou por validar o ensinamento da família. Era bonito ter a carteira de trabalho assinada, mesmo que os trabalhos fossem extremamente opressores.

A forma com que cada mulher se relacionou ou ainda se relaciona com o trabalho, com o processo de migração, com o analfabetismo, com a maternidade (muitas vezes precoce) determina a forma com que elas se relacionam com o próprio corpo e, inevitavelmente, influenciou o como cada mulher narrou a própria história.

Em teatro, costuma-se dizer que o corpo fala, sendo que, muitas vezes, esse corpo falante contradiz o que a boca diz. Por exemplo, ao serem perguntadas sobre como se sentiram quando pisaram no solo paulistano pela primeira vez, Maria Santos e Cecília narraram com o próprio corpo, a decepção e o frio que sentiram quando chegaram aqui. Assim como a Maria Santos, Alcidênia tremia os lábios sempre que vinha à memória, os dissabores dos seus relacionamentos conjugais.

Exponho nesse texto, o caminho trilhado com as sujeitas desse trabalho, durante os encontros coletivos e entrevistas individuais. Durante todo o processo, minha escuta estava voltada para as palavras narradas, tanto quanto para as expressões mais sutis daqueles corpos singulares de mulheres que exerciam seu direito de produzir lembranças.

O percurso escolhido para essa pesquisa de campo possibilitou uma aproximação significativa entre mim e as nove mulheres negras, migrantes nordestinas e estudante da EJA que participam desse trabalho. As vivências teatrais tiveram um papel fundamental como disparadoras de memórias e de narrativas orais, tendo reverberado de forma significativa nas

entrevistas individuais de histórias de vida. Mais que uma proposta metodológica, foi um convite às descobertas de si a partir da coletividade

Territórios de Experimentação: Presença, memória e narrativa.

A pessoa humana é constituída em meio à dinâmica eu/outro.
Assim, a ideia que o sujeito faz de si é também construída
pelo olhar reconhecedor do outro.
Miriam Santos, 2014 p. 11

O plano era distender o tempo até que o sinal da escola tocasse. Reservar um momento em que pudéssemos oferecer umas às outras, ouvidos dóceis dispostos a escutar histórias de vida. Que aceitássemos, ao menos naqueles momentos compartilhados, o legado deixado por nossas antigas contadoras de histórias negras – as insurgentes *akpalôs* – permitindo que nossos corpos, memórias, palavras e silêncios perambulasse corajosamente.

Busquei na minha experiência profissional ligada à linguagem teatral, repertórios de vivências de teatrais que possibilitassem às mulheres produzirem suas presenças, partindo do coletivo para ao individual. Nessa busca, cheguei à três conceitos trazidos pela *Performance Teatral*, apresentado por Mendes Junior (p. 01, 2008), que propõe

“a abordagem da presença na arte da performance por meio de uma construção heterogênea e sucessiva: treinamento (territórios de experimentação), produção de subjetividade (subjetivação) e relações com a audiência, espectador e contexto (encontro).”

Vi nesses conceitos (que estão intimamente ligados) uma base para elaborar algumas vivências práticas que pudessem ampliar os estados de presença das mulheres, fazer-lhes um convite para novas formas de se relacionarem com o próprio corpo, com os corpos das outras e com o local em que estavam ocupando. Mas acima de tudo, para que observassem que, assim como na *performance* teatral, a *performance* narrativa também convoca todo o nosso ser, pois nos obriga a lidar apenas com o momento presente.

Decidida a primeira abordagem, ousamos transformar a sala de aula em territórios de experimentação. A ideia não era apenas alterar o aspecto físico do espaço, mas antes experimentarmos novas relações com ele, oferecer-lhe novos sentidos. Estilhaçar, de dentro para fora, a rigidez daquele espaço físico e torná-lo mais agregador das diferenças e semelhanças que cada uma de nós trazia.

Assim como Vanda Machado meu desejo era transformar a sala de aula num “lugar onde a complexidade abraça realidades ampliadas e projetadas a partir de condições que incluem a ancestralidade, a memória, o corpo, o tempo e o espaço” (MACHADO, 2013, p.19). Trabalhar para que ela seja um “lugar onde todas as vozes podem ser ouvidas, onde tudo é juntado e tem significado incluindo uma perspectiva de reconfigurar o processo educativo de sujeitos autônomos, coletivos e solidários (...)” (idem, p.21).

Na maioria das vezes, a estrutura física da escola tradicional é organizada de forma que não permite que o corpo se movimente e se relacione com outros corpos. Cadeiras enfileiras, onde só é possível enxergar as costas um do outro. Vejo nessa organização dos espaços escolares, mais uma face das estruturas de opressão, mencionadas por Kilomba (p. 47, 2019), quando ela fala sobre estruturas que “não permitem que essas vozes (das mulheres subalternizadas) sejam escutadas, tampouco proporciona um espaço para a articulação das mesmas”.

Sendo assim, a primeira ação foi reconfigurar a organização de alguns objetos da sala de aula, afastando mesas e cadeiras, abrindo espaço para que os corpos pudessem se movimentar com um pouco mais de liberdade. Penso que, para experimentar outras formas de andar, olhar, ouvir, tocar, se relacionar com o próprio corpo e com outros corpos, é necessário romper os limites territoriais impostos. O espaço físico está intimamente ligado aos espaços internos da pessoa, sendo que um tem a potencialidade de transformar o outro.

Os espaços internos (de cada mulher) também precisaram ser movidos, sendo necessário que cada uma aceitasse estar no centro da cena; que permitissem serem observadas; que decidissem tomar a fala para si, tanto no ato de ouvir a própria voz reverberando no espaço, quanto no ato de quebrar a relação vertical tão recorrente nos espaços escolares.

Assim, iniciamos nossos *territórios de experimentação*. Espaços/ momentos criados por mim e por um grupo de nove mulheres que puderam produzir suas presenças, no sentido apresentado por Gumbrecht (2010), da tangibilidade dos corpos e dos objetos que os circundam. Corpos que sabiam-se observados, ao mesmo tempo que observavam a si mesmo nesse ato.

Conseguimos, ao menos por algumas horas, produzir um espaço íntimo que abrigasse o compartilhamento das nossas lembranças. Digo nossas, porque as vivências compartilhadas amparadas na arte, assim como os processos com entrevistas de histórias de vida, nunca são unilaterais. Ao mesmo tempo em que eu conduzia as vivências, também era conduzida por elas, já que as respostas das mulheres me faziam repensar a todo momento o que estava sendo proposto. Experimentamos uma relação intersubjetiva, em que a escuta sensível, as falas

ressonantes e a aceitação dos silêncios estavam o tempo todo presentes. Cada uma pôde trabalhar suas memórias, narrar suas lembranças e, de alguma forma, criar uma memória coletiva daquele grupo.

As presenças dessas mulheres negras foram reveladas pelas experiências vividas mais ou menos explicitadas, já que estavam condicionadas também às ausências. No entanto, em teatro, as ausências também podem ser materializadas no espaço, sendo o corpo, o revelador das mesmas, muito mais que as palavras. Os olhos que se movem diante de um silêncio prolongado, os espasmos de uma respiração mais acentuada, um gesto impreciso ou aleatório, podem criar um espaço de tensão capaz de comunicar mais que muitas palavras.

Observar as mulheres criando novas conexões com o próprio corpo e os corpos das outras mulheres; vê-las na tentativa de despirem-se de estereótipos, ressaltou a ideia do corpo enquanto morada de uma linguagem própria, única, subjetiva, capaz de romper com as formas de linguagens excludentes.

Após as vivências corporais, realizávamos aquilo que apelidamos de Círculos de Memórias. Com os corpos mais porosos, receptíveis e sensibilizados para receber as histórias que seriam narradas, cada mulher exercitava a escuta sensível. Em muitos momentos, durante esses círculos, elas reconheceram-se entre si e transitaram pelas narrativas umas das outras, evocando em si mesmas lembranças de experiências parecidas. Inconscientemente, deram continuidade aos jogos teatrais experimentados, onde era possível adentrar o espaço ocupado pela outra.

O trecho abaixo, destacado de uma das falas proferidas durante o primeiro círculo de memórias, revela essa interação de lembranças que se conectam:

“Eu apanhei muito, sofri muito, trabalhava muito, mas também me divertia. Minha mãe me dava uma trouxa de roupa “vai lavar essa roupa”, eu falava “tá bom”, mas também jogava a trouxa lá, brincava, pulava, pulava... pra depois poder ir lavar a roupa. Adorava ir lavar a roupa no rio...” (Alcidênia, informação verbal, 2022)

Essa memória narrada por Alcidênia despertou memórias parecidas em Paula, que rememorou o rio de sua infância, e em Vanda, que se lembrou do quanto tinha apanhado quando criança, fazendo-a refletir em como isso determinou suas ações na criação de seus filhos. Nesse momento, elas revelaram-se como ouvintes ativas da memória em trabalho e criaram conexões entre as realidades apresentadas. Ao narrarem uma dor que, aparentemente, estava enclausurada no passado, acabaram por presentificá-la em outras mulheres, que identificaram, em suas trajetórias de vida, a mesma experiência. Poeticamente, foi como se, através da fala ativa e da

escuta sensível, o momento presente fosse transformado por uma dança entre as lembranças do passado e as ideias de futuro. Vejo esse movimento na fala de Vanda Machado:

passado enquanto memória não resiste, entra no agora e se presentifica no tempo sagrado. Se indago sobre a percepção do momento presente, posso entender que não se trata de um momento matemático. O presente é o momento idealmente concebido sem duração. É o tempo presente do passado que também é o presente do futuro. (MACHADO, 2013, p. 48)

Em tempos em que os sentidos da existência dos espaços escolares são cada vez mais questionados, penso se é possível criar tempos sagrados (simbólicos) dentro dela, dada a organização de tempo (matemático) que ela oferece. Se é possível continuarmos a esperar mais formas significativas de “encher as mochilas vazias que essas mulheres carregam nas costas” (Valdete, informação verbal, 2022).

Nos nossos *territórios de experimentação* experienciamos juntas o que Grada Kilomba (2019, p.237) diz sobre a construção do *sujeito negro* e seu processo de descolonização, a partir de um processo de identificação. Ao ouvirmos as narrativas umas das outras, vimo-nos refletidas. Olhamos para a nossa história de uma forma mais crítica, mas mais generosa também.

Narrar a própria história pressupõe organizar os pensamentos, lidar com os sentimentos que as lembranças despertam em si e nas outras pessoas, escolher as palavras para que as/os ouvintes entendam o que está sendo dito. Todo esse movimento tornou-se mais fácil, quando elas se perceberam falando a mesma língua.

Entrevistas individuais: Subjetividades (im)permanentes.

Olha, eu só resumi, porque é muito grande,
mas tem muita coisa ainda pra contar e
eu não gosto muito de contar não, viu professora?
Não vou falar aqui uma mentira.
Eu não gosto muito de relembrar meu passado, não...
Eu falo que Deus já apagou!
(Cida, informação verbal, 2022)

A entrevista é um desafio que colocamos ao entrevistado, porque ele tem que organizar a narrativa, o conto, a interpretação de sua vida de uma forma nova, de uma forma mais complexa e de uma forma que alguém que não faça parte de sua comunidade, possa entender. (PORTELLI, 2010, p.10)

Para muitas mulheres negras, cavoucar a própria memória e transpô-la em palavras escritas ou faladas, pode ser um trabalho doloroso. Silenciar as vozes e os corpos das mulheres

negras sempre foi uma estratégia das sociedades patriarcais e racistas, com o objetivo de deixá-las à margem, diminuir-lhes a força. Historicamente, as mulheres negras viram seus corpos explorados, animalizados, sexualizados, objetificados. E, parafraseando Gayatri C. Spivak, pode um objeto falar?

Apesar de descendermos de mulheres negras que sabiam sobre o poder encantatório e transformador que a palavra narrada tem, esse processo de silenciamento fez e ainda faz com que muitas de nós não acreditemos que nossas histórias tem importância, e que merecem ser ouvidas.

Começar esse trabalho coletivamente foi como resgatar o espírito de comunidade que também nos é negado desde sempre. Estar em comunidade exigiu-nos o “exercício (de retomada) do poder de fala e de pensamento” (MBEMBE, 2021, p. 27). Implicou em rejeitarmos tudo que impede o constante desenvolvimento da própria subjetividade, de “se opor àquele lugar de *outridade* e o de inventar a nós mesmos de (modo) novo” (KILOMBA, 2019, p. 28).

Criar esse espaço comunitário foi como fazer existir um lugar em que coubessem todas as dores, alegrias, risos, choros e silêncios que emergissem. Um lugar comum onde houvesse uma “disposição compartilhada de ouvir e de aceitar o outro, criticamente” (PORTELLI, 2016, p. 14). O que, por sua vez, deu-lhes um sentido de pertencimento.

Ter os princípios da História Oral (HO) como propulsor do desenvolvimento dessa pesquisa de campo me orientou na transição entre o coletivo e o individual, em especial no que diz respeito à performance narrativa como um ato de presentificação de cada sujeita na construção da narrativa oral. Pude observar o quanto os discursos se constroem de formas diversas estando numa relação dialógica coletiva e entre duas pessoas (entrevistadora e entrevistada). Essa diferenciação está longe de sugerir inverdades nas narrativas, pois os discursos, em história oral de vida, são móveis, já que as memórias também o são.

Diante disso, é preciso dizer que, coletivamente, as performances narrativas orais e corporais se mostraram mais leves, dinâmicas. Se, durante os encontros coletivos, os corpos e as falas mostraram-se mais brincantes e espontâneos, durante as entrevistas individuais parecerem mais tensas, quando tiveram que assumir o centro da cena sozinhas. O fato de estarem apenas comigo e da posição hierárquica que ainda me colocam, exigiu-lhes mais atenção na escolha das palavras. Nesse dueto, elas mostraram-se mais responsáveis por suas falas e eu, por uma escuta sensível, livre de críticas.

Foi bonito perceber que, mesmo que performadas de formas distintas, algumas lembranças rememoradas nos círculos de memórias foram retomadas durante as entrevistas individuais. Tomo como exemplo, dois momentos em que uma das entrevistadas contou sobre o quanto sua mãe gostava de cantar. Alcidênia (informação verbal, 2022)

“Minha mãe cantava muito... Vinha pessoa em casa, batia na porta e dizia “Canta dona Dalva!” Aí ela dizia que “cantar seus males espanta...”. Muito sofrida minha mãe...”
(círculo de memórias)

“Minha mãe cantava, e muito! Tem horas que eu vejo meu patrão cantando as músicas e eu me lembro dela... E ela tinha uma voz bonita...” (entrevista individual)

No primeiro trecho, ela estava em grupo e sua entrega emocional foi visível. A voz embargada e os olhos marejados denunciaram a saudade que ainda sente da mãe, e o quanto reconhecia a resiliência da mesma diante dos sofrimentos de ser uma mulher subalternizada. O segundo trecho, recortado da entrevista individual, mostra a repetição da mesma lembrança. No entanto, a memória foi atualizada e criou-se conexões com o momento presente. O ato de cantar, une em seu pensamento, mãe e patrão.

Novamente trago a influência do espaço físico e do ambiente criado como determinantes para a performance narrativa. Se na primeira experiência, coletiva, as mulheres sentiam-se amparadas pelo espaço escolar (ainda que não se sintam totalmente pertencentes a ele), na segunda encontravam-se num lugar onde, apesar de localizado no bairro onde moram, nunca tinham pisado os pés. Com exceção de Cecília, uma sala pequena e fechada do SENAC São Miguel foi o cenário para a maioria das entrevistas individuais.

Tendo traçado um roteiro de perguntas abertas¹, minha intenção era perceber como elas organizavam a narrativa de suas histórias de vida, a escolha dos momentos que elas consideravam importantes serem ditas, suas falas sobre negritude, migração e educação, e ao mesmo tempo, perceber como essas escolhas se entrelaçavam com as lembranças que vinham espontaneamente.

¹Roteiro de Perguntas abertas: 1. Se apresente para mim. Fale sobre o lugar onde nasceu e suas relações familiares. 2. Me conte sobre sua infância, brincadeiras, músicas. 3. Me fale como deixou de estudar. O que você fez no período em que esteve longe da escola? 4. Como voltou a estudar? Como se sentiu ao voltar? O que isso interferiu na sua vida enquanto mulher? 5. O que é ser mulher para você? Como é ser uma mulher negra? 7. Você já sofreu racismo? De que forma identificou? 8. Me fale sobre seus sonhos, desejos.

Ao optar pela entrevista de história de vida como um dos procedimentos metodológicos desse trabalho, assumi que toda a vida delas interessa. Fui convocada a ter flexibilidade, elaborando novas perguntas que, inicialmente, não estavam no roteiro. Me vi, muitas vezes, enredada em temas riquíssimos, como: maternagens, religiosidades, relações românticas, entre outros. Alcidênia, por exemplo, ficou praticamente uma hora e meia falando sobre a antiga relação destrutiva que teve com o primeiro marido. Parecia-lhe impossível falar sobre sua existência, sem relacioná-la à vida do homem que dizia amá-la. Ao final pediu desculpas por não ter ido na direção que entendeu que eu queria que fosse, acreditou não ter agregado ideias relevantes ao trabalho. Em contrapartida, muitas resumiram os momentos que não queriam rememorar, num instinto de autopreservação.

Durante as entrevistas individuais, Cecília, Cida, Maria, Alcidênia e Dione contaram suas histórias, organizaram suas lembranças e as vocalizaram publicamente. Aceitarem ocupar um lugar de protagonismo e fortaleceram suas subjetividades. Convocaram seu direito de bem-viver.

Referências bibliográficas

GONZÁLES, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HOOKS, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. 2ª edição. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

KILOMBA, G. Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora de Livros Cobogó, 2019.

MACHADO, V. Pele da cor da noite. 1ª edição. Salvador: UDUFBA, 2013.

MENDES JUNIOR, J. F. **A presença na arte da performance: territórios de experimentação, subjetivação e encontro.** Anais ABRACE, 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/3965> Acesso em: 29/05/2023.

MBEMBE

PORTELLI, A. História oral e poder. Mnemosine Vol.6, nº2, p. 2-13, 2010.

ROCHA, W. S. da. Performance Preta: Encruzilhadas entre arte e política – Dissertação de Mestrado da UFOP, 2018.

ROVAI, M. G. de O. (Org.). Escutas sensíveis, vozes potentes: diálogos com mulheres que nos transformam. 1ª edição. Teresina: Ed. Cancioneiro, 2021.

SANTOS, M. R. dos. **Histórias de reencontro: ancestralidade, pertencimento e enraizamento na descoberta de ser negra.** In: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-03102014-113719/pt-br.php> Acesso em: 29/05/2023.